



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Estética, Aula 02

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Estética, Aula 02, 23 de fevereiro de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE ESTÉTICA – RESUMO DAS AULAS

[23/02/2010]

AULA 02: EXPOSITIVA:

A. Conceito, Método e Objeto da Estética

1. Idéia estética e sua delimitação filosófica

§1

A Ideia estética e sua delimitação propriamente filosófica constituem-se como algo bastante recente no concerto da vida espiritual. Por Ideia estética compreende-se aqui o ob-jeto da Estética enquanto ciência filosófica e, por conseguinte, como o conceito e a efetivação da mesma. Vale dizer, da Estética entendida como a autoconsciência imanente aos processos relativos à percepção do elemento reflexivo na comunicação do sentimento do belo e na explicação do processo de produção artística. O que significa que a Estética não é uma ciência meramente reflexiva, mas antes se mostra como a própria auto-reflexão à qual a reflexão acima referida pode se elevar.

A Estética considera a Arte como uma forma autêntica e autônoma de acesso ao Saber. A rigor, ela não é senão o resultado da autenticidade e da autonomia nela em questão. Isso, pelo menos na medida em que a Estética propriamente filosófica ou a chamada *Filosofia da Arte* não se apresenta como algo exterior à Arte e, mais precisamente, à Bela Arte. Ora, isso quer dizer que a Estética não pode resultar senão da própria Arte enquanto esta – em seus *perceptos* – se percebe ou se experimenta a si mesma assumindo-se como tal. Com o que, de uma forma circunscrita à imaginação ou à percepção (dado que se move em *perceptos*) a própria Arte se eleva ao conceito de si mesma (como a autoconsciência do conteúdo circunscrito aos *perceptos*) e se determina nos quadros de uma Consciência filosófica¹.

¹ Sobre este ponto, veja-se MANUEL M. SILVA, *Arte, Religião e Filosofia: O acesso ao Saber como transfiguração do lugar-comum*. In: RAPHAEL SEBRIAN (Org.). **Humanidades: Diálogos e Saberes**. Campinas: Pontes, 2010, p. 9-23.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Estética, Aula 02

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Estética, Aula 02, 23 de fevereiro de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Desse modo, a Estética pode então assumir a Ideia de si mesma da Arte por ob-jeto. Essa a razão pela qual a autocompreensão em jogo na Arte e os modos pelos quais, nela e para ela, essa autocompreensão se desenvolve se apresentarem como a natureza e a tarefa propriamente filosóficas da Estética². O que por seu turno implica distinguir a Arte mesma e a Filosofia da Arte ou, mais precisamente, a Estética enquanto sua determinação ob-jetiva ou consciente e de sua autodeterminação subjetiva ou autoconsciente.

§2

Pode-se dizer que a Estética investiga a experiência da consciência artística na medida em que esta se faz consciência propriamente estética. Em outras palavras, pode-se dizer que a Estética tem por ob-jeto o próprio espírito artístico na medida em que este aparece a si mesmo em seus objetos enquanto outro de si e que só assim – confrontando-se consigo mesmo em seu outro – a si mesmo se reconhece. O que só é possível mediante sua libertação das aparências pura e simplesmente exteriores, mas em as produzindo e em as ordenando, nelas, com elas e para além delas produzindo-se a si mesmo como espírito livre e efetivo.

Essa a exigência mesma que, em toda a sua obra, Hegel nos apresenta como fundamental e cujo ponto de partida – o despojamento da consciência em relação às suas aparências – se constitui como a tarefa exemplar de sua *Fenomenologia do Espírito*. Exigência que por sua vez pode ser tomada como a chave de uma compreensão adequada daquilo que, para Hegel (**Cursos de Estética I**, p. 35), poderia designar-se como o caráter pretérito da Arte e que, no entanto, depois dele passou a ser chamado apenas de Morte da Arte. Não obstante, há que se reconhecer que mesmo no último caso o referido caráter pretérito da Arte nada tem a ver com certa interpretação que vê numa suposta morte da Arte o fim puro e simples de seu acontecer. Ao contrário, tal caráter deve ser tomado como a constatação de uma

² Sobre este ponto, veja-se LUIGI PAREYSON, **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena N. Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-19.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Estética, Aula 02

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Estética, Aula 02, 23 de fevereiro de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

crise da Arte e o ponto de partida de uma nova tarefa para aqueles que, como o fizera Danto (*A transfiguração do lugar-comum*, p. 26, p. 102), em resistindo à fragmentação do espírito e sua redução ao meramente representável, ainda têm coragem de assumir a existência de um patamar de realidade que transcende ao lugar-comum – ou ao simplesmente banal –, algo hoje e cada vez mais tão confortável a quem se satisfaz com a chamada cultura midiática e sua pura e simples figuração representacional. Em todo caso, é justamente este o solo a partir do qual, tanto em Hegel, quanto em Danto, a Arte mesma se eleva à sua autoconsciência, à sua autenticidade e à sua autonomia. A título de ilustração, vejamos o que Hegel nos diz a este respeito:

Em todas estas relações a arte é e permanecerá para nós, do ponto de vista de sua destinação suprema, algo do passado. Com isso, ela também perdeu para nós a autêntica verdade e vitalidade e está relegada à nossa *representação*, o que torna impossível que ela afirme sua antiga necessidade na realidade efetiva e que ocupe seu lugar superior. Hoje, além da fruição imediata, as obras de arte também suscitam em nós o juízo, na medida em que submetemos à nossa consideração pensante o conteúdo e o meio de exposição da obra de arte, bem como a adequação e a inadequação de ambos. A *Ciência da Arte* [26] é, pois, em nossa época muito mais necessária do que em épocas nas quais a Arte por si só, enquanto Arte, proporcionava plena satisfação. A Arte nos convida a contemplá-la por meio do pensamento e, na verdade, não para que possa retomar seu antigo lugar, mas para que seja conhecido cientificamente o que é a arte. (HEGEL, **Cursos de Estética I**, p. 35).

Comparemos o que, justamente a partir de Hegel, mas quase dois séculos depois, Danto afirma em relação ao mesmo ponto:

A arte é praticamente uma confirmação da teoria da história de Hegel, segundo a qual o Espírito está destinado a tornar-se consciente de si. Ela reproduziu esse curso especulativo da história tornando-se autoconsciente – a consciência da arte sendo *arte* sob uma forma reflexível comparável à filosofia, que é ela própria consciência da filosofia. Resta agora saber o que efetivamente distingue a arte de sua própria filosofia, o que nos leva à questão de saber o que impede este livro, que é um exercício de filosofia da arte, de ser uma obra de arte à sua maneira, uma vez que as obras de arte se transfiguram em exercícios de filosofia da arte. Mas isso eleva a um novo nível, pelo menos é o que espero, as perguntas com as quais começamos o primeiro capítulo: como uma coisa pode ser uma obra de arte e outra coisa, exatamente igual à primeira, não pode – como o nosso humilde abridor de latas e o nosso ilustre objeto escultórico? (DANTO, *A transfiguração...*, p. 102).



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Estética, Aula 02

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Estética, Aula 02, 23 de fevereiro de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§3

O que foi dito acima exige da Estética a distinção rigorosa em relação a outras disciplinas e atividades que se voltam para a consideração da Arte, assim como o envolvimento da mesma com essas disciplinas e atividades no sentido de sua plena consecução como a forma própria da autoconsciência que, a partir destas, então se desenvolve. Isso porque, se a Estética resulta de uma elevação da própria Arte à Consciência de si mesma, tal elevação não pode ser senão a expressão de uma experiência a um tempo abstrata e concreta, formal e material, a partir da qual, ao fim e ao cabo, a Estética não só contempla – em seus princípios e em seus fins – o que está em jogo nas outras disciplinas que têm a Arte por objeto, mas principalmente deixa a elas aquilo que lhes cabe, permanecendo unicamente como a auto-reflexão do conteúdo que nelas se forma, se informa e se transforma. Esse o ponto a ser discutido em nossas próximas aulas.

§4

Referência bibliográfica:

- DANTO, Arthur C. **A transfiguração do lugar-comum**. Uma filosofia da arte. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- HEGEL, Georg W. F. **Cursos de Estética I**. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2001.
- SILVA, Manuel M. Arte, Religião e Filosofia: O acesso ao Saber como transfiguração do lugar-comum.
- In: SEBRIAN, Raphael (Org.). Humanidades: Diálogos e Saberes. Campinas: Pontes, 2010, p. 9-23.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena N. Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIM DO RESUMO!